

Títulos do Brasil têm queda recorde

Dívida Externa
Continuação

GAZETA MERCANTIL

20 FEV 1989

por Tom Camargo
de Londres

O banco europeu mais fortemente envolvido com o mercado secundário de títulos da dívida soberana e, por consequência, com seus instrumentos mais conhecidos (conversão em investimento e troca e venda de ativos) está convencido de que a crise da dívida não será equacionada de forma duradoura se, em paralelo aos esquemas adotados para sua redução, não forem restaurados, de forma definitiva, os fluxos de capital para a América Latina. Isto é, se a região não for irrigada com dinheiro novo.

O alerta, feito em Londres por Gerrit J. Tammes, vice-"chairman" do NMB Bank, um dos cinco maiores bancos holandeses, coincidiu, na sexta-feira, com uma precipitada queda no valor dos títulos brasileiros e venezuelanos no mercado secundário, por força de rumores que da-

vam como iminente uma nova moratória brasileira e uma suspensão dos pagamentos de juros por Caracas, que há dez dias não efetua nenhum pagamento do serviço de sua dívida de US\$ 32 bilhões.

Os títulos da dívida brasileira chegaram a ser cotados a 28 centavos de dólar (isto é, um desconto de 72% sobre o valor de face), quando, na quinta-feira, haviam fechado a 32 centavos de dólar. Quando o Plano Verão foi anunciado e se soube que as operações de "relending" e os leilões de conversão estavam suspensos, os títulos brasileiros tiveram seus descontos aumentados em 2 centavos de dólar, passando de 62 para 64 sobre os Finance Deposit Agreement (DFA) do Banco Central.

"Simplesmente não há interesse pelo papel brasileiro, dado o nível de incertezas quanto aos planos do governo para o setor externo", disse a este jornal um importante operador do mercado secundário londrino. "A suspensão do 'relending' e dos leilões teve um efeito negativo que se vem acumulando."

Segundo Tammes, os descontos que estão sendo praticados no mercado secundário sobre os títulos da dívida brasileira "são irrealistas... não refletem a realidade econômica de médio e longo prazo do País... mas têm uma vinculação realista com o curto prazo".

O NMB é hoje um dos atores mais importantes do secundário. No ano passado, mais que duplicou o volume de recursos movimentados, atingindo um total de US\$ 8 bilhões (US\$ 3,4 bilhões em 1987). Descrevendo-se como especialista em vendas e trocas de ativos gerados pela dívida soberana, conversão de dívida em investimentos e engenharia financeira para países do Terceiro Mundo, o banco holandês fechou mais de 2 mil negócios nessa linha no ano passado, envolvendo diversos parceiros em cerca de quarenta países. As praças mais movimentadas foram Brasil (onde o NMB é um dos líderes do mercado), Chile, México, Nigéria, Filipinas e Polônia.

Apesar de não haver dados precisos a respeito, o banco calcula que o mercado global de trocas e vendas de ativos relacionados com a dívida valeu cerca de US\$ 40 bilhões em 1987. Esse volume de negócios teria implicado uma redução de US\$ 15 bilhões no total de estoque da dívida soberana.

O vice-"chairman" do NMB acredita que o mercado secundário continuará expandindo-se agora em 1989, mesmo que países como o Brasil suspendam ou adiem programas de conversão e similares. Ele vê o interbancário da dívida (transações com títulos soberanos entre bancos) mantendo-se firme, devido àquilo que descreve como "crescentes pressões para uma redução e alívio da carga da dívida". Ele acha mesmo que o tamanho do negócio poderá dobrar novamente.

Acredita ainda que três tipos de transação deverão ganhar corpo: refinanciamentos, recompra de dívida (pelos países devedores, com desconto) e conversões em investimento no país devedor.

Além disso, um possível aumento da participação de organismos multilaterais, associado a uma desejada (mas aparentemente remota) intensificação das trocas de títulos da dívida entre os próprios países devedores, poderia manter o setor aquecido.